

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS (SPIC)

AS MASSAS DE PENICHE LUTAM E VENCEM!

As últimas prisões

OS PESCADORES REVOLTAM-SE

à luz das Resoluções do VII Congresso da IC

Outro crime do Estado-Novo:

Um pescador assassinado!

A ditadura de Salazar, incapaz de resolver os seus problemas, tem o terror como arma única. Ao bem estar que prometeu na propaganda demagógica, dá sindicatos nacionais substituídos por mais inauditas violências. Resolve com Polícia o que devia solucionar-se com pão e trabalho. Por isso a sua senda é sanguinosa. A sua política, que tanto se afirmou nacional e acima dos interesses de qualquer classe, é o mais descaradamente escravo do grande capital.

Entretanto, o seu poder não é tão forte como se pretende. A violência que o reveste é infúndia da sua fraqueza, do medo covarde de ser dominada. A Ditadura e os seus servidores sabem bem que as massas portuguesas, exploradas e famintas, privadas de todos os direitos políticos, lutam e lutarão obstinadamente até ao seu derrubamento.

Agora mesmo, no período mais agudo do terror burguês, é possível lutar. São as massas quem, espontaneamente, nos vêm mostrar o caminho, e firmam a alguns dos nossos camaradas a ideia de que sob a ditadura é impossível lutar e vencer.

Pois bem. Em Peniche, os pescadores e restante população trabalhadora lutaram e venceram. Correu mais uma vez o sangue generoso do proletariado, derramado pelos facínoras mercenários do Estado Novo. Mas as massas venceram. Conseguiram os seus objectivos. Deram a todo o proletariado português a noção de que vale a luta geral das massas em frente única pela defesa dos seus interesses comuns.

O caso, que a censura impedia de ser divulgado na imprensa, foi nos comunicado por um relatório dos nossos camaradas de Peniche que notícias douradas provenientes confirmaram inteiramente.

Aconteceu que, pelo uso de dinamite na pesca, foram condenados a 4 meses de prisão e multas, 58 mestres dos tralheiros, além de ser tirada a cabota marítima a outras tantas companhias num total de 7000 homens.

Já neste simples facto da condenação se manifesta a justiça de classe do Estado Novo. Do há 20 anos para cá, que com conhecimento das autoridades da terra se fazia a pesca por processos dinamitistas. Essas próprias autoridades, interessadas na pesca, eram as primeiras a reconhecer o uso do dinamite nos seus barcos. Assim acontecia com um tal sr. Encarnação que foi Capitão do porto e tinha os barcos em nome de outro arma-

dor; outro tanto se dava nos barcos de Joaquim Faria, ex-administrador do concelho. Entretanto, nenhum destes burgueses foi metido da cadeia ou os seus barcos confiscados.

Como não foram presos os proprietários dos barcos que vendiam aos pobres marítimos caixas de explosivos a 120\$00 quando as compravam a 25\$00? A «justiça» burguesa não vê estas cousas.

No entanto, os factos eram bem conhecidos de todos em Peniche. Vários pescadores ficaram inutilizados pela explosão de cartuchos e dois deles morreram em consequência dessas explosões. Nenhum inquérito se fez às causas dessas mortes e desastres que indolgentemente se ia deixando atribuir a explosões de fogareiros de petróleo. A justiça e autoridades burguesas têm os olhos bem tapados ante as culpas dos da sua classe...

Verificada, em Peniche, a situação miserável em que a população ia ficar, pois perto de 3.000 pessoas seriam privadas de poder comer, houve várias diligências em Lisboa por meio de comissões que nada conseguiram. Entretanto... chegava o dia 13 de Novembro, data em que os mestres condenados se deviam apresentar à prisão.

Num movimento unânime, que englobou até o comércio, os pescadores e famílias reuniram-se no local de partida das camionetas que haviam de levar os mestres das tralheiras e protestaram em altos gritos contra a injustiça que se ia praticar.

Decididos a impedir a prisão dos seus camaradas, resolveram fechar a única saída da vila com grande número de lanchas e uma tralheira. Cortadas as comunicações telefónicas e telegráficas, tocam os sinos a rebato e entrando nas cinco fábricas existentes na Vila fizeram paralisar o trabalho e que os operários que lá trabalhavam se solidarizassem com o seu protesto.

Dai se dirigiram a todas as pequenas oficinas que igualmente suspenderam o trabalho como protesto.

Depois começou o terror. A G.R. recebe ordem de exercer violências e quando um grupo de pescadores, desarmados, fazia os seus protestos, a guarda começou o tiroteio que causou um morto e dois feridos.

Mas o proletariado penichense não recua por ser atacado!

A morte dum seu irmão e as vio-

Continua na 8.ª página

THAELMANN PRESTES A SER JULGADO!

Segundo as últimas notícias, os juizes hitlerianos preparam-se para levar a efeito mais uma farça no género que puzeram em cena para tentarem condenar Dimitroff. Após dois anos de incomunicabilidade rigorosa, após tão longo período de provocações e de repressão prisional, o glorioso chefe do proletariado alemão e dos anti-fascistas de todo o mundo vai ser levado ante os representantes da «peste-castanha» — os nazis.

Neste momento, a vigilância anti-fascista mundial redobrou de intensidade. Em todos os países, milhões de homens lançam, nos mais variados idiomas, o mesmo grito, filho do mesmo desejo e da mesma consciência anti-fascista: LIBERTAI THAELMANN!

Entre nós, a campanha pró-libertação de Thaelmann, encontra milhares de adeptos. Têm sido inúmeros os protestos enviados ao embaixador alemão e aos consules do mesmo país. Há poucos meses, os presos anti-fascistas do Aljube dirigiram o seu protesto veemente ao representante em Portugal dos assassinos dos trabalhadores alemães. Isso valeu-lhes, da parte do Governo salazarista, o castigo de privação de visitas durante um mês. Nem por isso o desejo de salvar Thaelmann diminuiu no espírito daqueles camaradas.

Apesar destes pequenos sucessos parciais, estão longe de se esgotarem as possibilidades de trabalho existentes. É necessário interessar nesta campanha o maior número de trabalhadores, das cidades e dos campos, quer citando-lhes o significado do terror hitleriano, quer descrevendo-lhes a figura revolucionária do grande chefe dos trabalhadores.

É preciso desacreditar a «justiça» hitleriana aos olhos de todos os trabalhadores! O facto de Thaelmann estar preso há cerca de 3 anos, antes de terem «fabricado» uma acusação contra ele, é por si mesmo uma prova da sua inocência e da justiça escandalosa do III Império.

Thaelmann é o símbolo de todos os inimigos de Hitler e do fascismo! Lutar pela sua libertação, é lutar pela libertação de todos os anti-fascistas das garras reacçãoárias da burguesia mundial!

11 de Novembro marca, agora, duas datas para o proletariado português: A primeira, a data do armistício; a segunda, marca o acontecimento que roubou a nossa companhia três militantes queridos do movimento revolucionário português.

São passados 17 anos depois que a guerra terminou; são passados quarenta e tantos dias desde que os nossos camaradas foram presos. Não vai longe, também, a data em que Dimitroff dizia às dezenas de delegados dos P.C. de todos os países reunidos na URSS:

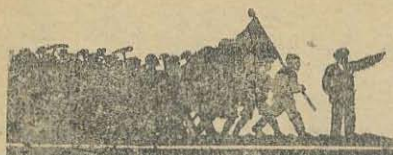
«Eles — os meios imperialistas mundiais — esforçam-se por tomar a frente às forças da revolução, através do esmagamento do movimento revolucionário dos operários e dos camponeses, e de uma agressão militar contra a U.S.S.R., reduto do proletariado mundial. E' por isso que eles têm necessidade do fascismo».

José de Sousa e Bento não eram somente os dirigentes do movimento revolucionário português; eram também os seus melhores dirigentes e os chefes mais populares das massas operárias. Se a burguesia os perseguia ferozmente e se agora se manifestou no cárcere, é porque via neles inimigos irredutíveis e encarnizados. Com essas prisões foi-nos vibrado um golpe profundo e doloroso. Mas, se é verdade que a dor de tão preciosa perda cala fortemente no nosso espírito, também não é menos verdade que ela chama a nossa atenção para a necessidade de reforçar a vigilância revolucionária, por um lado, e por outro, a urgência de aplicarmos com pertinência e entusiasmo as Resoluções do VII Congresso da I.C.

Se, como disse Dimitroff os capitalistas e reacçãoários procuram «tomar a frente às forças da revolução» desencadeando o terror mais bestial de que resa a história, cumpre ao P.C., vanguarda dos exércitos proletários e camponeses, responder a essas tentativas com um fogo de barragem e com um avanço decisivo e ardeente no caminho da unidade de acção para o derrubamento da ditadura salazarista.

Praticamente, essa tática consiste em unir todos os que odeiam o fascismo e a guerra, todos os que pela causa da Paz e da Liberdade estão dispostos a sacrificar o melhor dos seus esforços; consiste, ainda, em dirigir, com tão poderoso instrumento, os golpes mais mortais NOS PONTOS MAIS VULNERÁVEIS do inimigo, até conseguirmos vencê-lo.

Este instrumento chama-se FRENTE-UNICA proletária — a sua base é a luta de classes e o seu coroamento é a frente popular anti-fascista.



Construindo o Partido

O PARTIDO LUTA SEMPRE!

Julgou a Polícia de Informações que com a prisão dos nossos dedicados, camaradas Bento, Sousa e Fogaça—tinha dado o golpe de morte no Partido Comunista.

A polícia, afinal, enganou-se. Está-se longe do tempo em que a prisão de um camarada responsável lançava o pânico nas nossas fileiras e trazia uma desorganização que paralizava toda a nossa actividade. Hoje não. O Partido forjou-se na luta permanente e clandestina, conseguiu vencer os resultados da repressão do 18 de Janeiro e já não é a prisão de Bento e José de Sousa que vem destruir a nossa organização.

Por muito que nos custe estarmos privados da sua experiência revolucionária, por muito que a sua dedicação nos falte — o Partido continua sempre em frente, marcha na via que o leninismo lhe indica.

Um, dois, três militantes — não são o Partido. Podem ter-lhe dado todo o seu esforço que ele não se perde com o seu afastamento do campo da luta. Novos elementos surgem a temperar-se na acção revolucionária. Mais se amoldam no combate nestas expetiências dolorosas quantos vêm nelas proveitosos ensinamentos.

Um partido comunista, um partido que segue a lição do Partido Comunista russo, que tem como guias o heroísmo do Partido Comunista Alemão e a passmosa vitalidade do Partido Comunista Búlgaro — não morre, não se desfaz à prisão de alguns dos seus militantes, mesmo os mais dedicados, mesmo os mais sabedores.

Pelo contrário. Na vida do P.C. Português, a data da prisão de José de Sousa, Bento e Fogaça marca uma concentração de todas as forças partidárias em torno do seu Comité Central.

Por isso, a nossa acção não afrouxa não afrouxará nunca. Mais que antes, se impõe o robustecimento do Partido, a consolidação da nossa actividade nos locais de trabalho como meio de luta pelas reivindicações concretas e parciais por insignificantes que pareçam.

Está-se a abrir ante nós a perspectiva de lutas novas e decisivas. A situação mundial do capitalismo agrava-se até à guirra, única saída deste inferno de contradições que é o mundo burguês. Internamente, mesmo sob o ponto de vista capitalista (único, claro está, do salarismo, apesar da sua demagogia) o Estado-Novo falhou e miseravelmente. A miséria que os próprios documentos oficiais já não podem ocultar, agrava-se pavorosamente.

Um novo ciclo de revoluções e guerras se abre em todo o mundo. O capitalismo vai dar os últimos combates. Salazar apresta-se a vencer a crise à custa dos trabalhadores, nem ele mesmo sabe como. O Partido Comunista Português tem na sua frente a tarefa mais importante da sua vida e da sua finalidade. Ele saberá lutar e vencer.

Os simpatizantes e o Partido

Não tem sido, até hoje, claramente definida, na nossa imprensa, a posição dos simpatizantes comunistas ante o Partido. Huidos por um falso raciocínio, não faltam os que põem uma barreira entre si e o Partido, julgando que não estarem filiados justifica tudo isso. E certo, e é uma das características mais notáveis que Lénine imprimiu aos Partidos Comunistas, que não se é membro do Part do por se estar de acordo com as suas doutrinas. É necessário mais alguma coisa. É necessário o trabalho persistente, obscuro e dedicado através todos os perigos. É necessário sobretudo, uma devoção ilimitada à causa do proletariado, um sentimento de disciplina que olha para o resultado final e não para o brilho mais ou menos deslumbrante de qualquer acção isolada.

Evidentemente, que não pertencem pode pertencer ao Partido quem não preencher estas condições. Mas é justo, é razoável que isto justifique o afastamento de tantos camaradas dedicados, a separação nitida que fazem entre os interesses do Partido, e os seus, como comunistas?

Não. Existem tão sinceros comu-

nistas fora do Partido como dentro dele. Há fora dele, muitas pessoas que devidamente esclarecidas, convenientemente encaminhadas, já hoje trabalhariam cá dentro e nos auxiliariam com toda a dedicação. E há mais uma massa, uma grande massa de simpatizantes que não pode ser imensamente útil.

Diz Lénine que NEM TODOS PODEM PERTENCER AO PARTIDO MAS TODOS O PODEM AUXILIAR.

Um Partido que deve conquistar as massas, que luta pela defesa dos interesses delas necessita, evidentemente, de se dirigir a todos que estão decididos lealmente a ajudá-lo.

Não podemos dar toda o osforço dum filiado? Que importa? O que urge é que os nossos simpatizantes quebrem o muro que os separa, sem motivo, e que os nossos camaradas do Partido, rondo de parte todo o sectarismo, se esforcem pela utilização mais ampla da boa-vontade de todos os nossos amigos.

E que esta vontade de ser útil já hoje um grande auxiliar do

Continua na 7.ª página

Regras do trabalho clandestino

— Dizer aos camaradas só o que é estritamente necessário que cada um deles saiba para o seu trabalho — Não ir acompanhado de outros camaradas que não tenham que fazer na reunião.

— Quando o encontro entre dois camaradas desconhecidos não puder ser evitado, não dizer quem são ou o cargo que têm.

— Não ter vários encontros no mesmo dia, no mesmo local.

— Não usar muitas vezes seguidas os mesmos locais de reunião. Não chegar antes da hora marcada. Ser PONTUAL. Nunca esperar mais de 5 minutos. Não esperar parade.

— Nunca ir para uma reunião sem verificar se é seguido: não se voltar para trás com frequência. Se se tiver suspeitas de ser seguido, desparar o seguidor: a entrada para um carro eléctrico, em que se entre só, dá grande confiança. Apear-se do carro antes ou depois do encontro. Não ir à reunião, antes se afastar dela o máximo, se se suspeitar ser seguido.

— Não ter reuniões em locais «queimados».

— Retirar-se do local em que se espera uma camarada, quando este não aparece.

— Preparar o que há a dizer nas reuniões para estas serem curtas.

— Na conversa, não falar em «CAMARADAS». Quando seja necessário empregar-se à outra qualquer palavra.

— NUNCA marcar encontros pelo telefone.

— Não ter livros de apontamentos com horas e locais de encontros

Fixar de memória.

Quando absolutamente necessário, ter as indicações, em sinais convencionais, num papelinho que se deita fora ou engole a menor suspeita.

— Nunca dizer a ninguém: SOU COMUNISTA. PERTENÇO AO PARTIDO.

— Não responder a perguntas de curiosos. Considerar isso uma provocação, mesmo que venha dum camarada de absoluta confiança.

Ter sempre presente que ninguém deve e pode saber, a respeito da organização do trabalho revolucionário, mais do que o indispensável para executar o SEU trabalho.

— Não declarar as suas suspeitas a camaradas isolados, mas aos organismos directamente superiores: Célula, Comité.

— Desconfiar dos camaradas EXCESSIVAMENTE REVOLUCIONÁRIOS: Consciente ou inconscientemente, são provocadores.

— Usar SEMPRE de pseudónimos nas reuniões, mesmo com camaradas conhecidos.

— Não falar aos camaradas, quando não tivermos encontros marcados com eles, PRINCIPALMENTE quando forem acompanhados por pessoas desconhecidas que podem muito bem ser agentes da polícia que os leva a presos.

Estas «Regras» elementares não devem ser aplicadas com ar misterioso ou importante. Quanto mais simples forem no nosso proceder, tanto menos suspeitas daremos.

Contra a provocação!

A prisão de Bento Gonçalves, José de Sousa e Júlio Fogaça veio chamar a atenção de todo o Partido para este problema fundamental. Não que a atribuímos (fa-ta-ta-n-a) indicações que a incommunicabilidade de dos nossos camaradas presos não nos pode dar) a provocação no seio do Partido e muito menos, dada a experiência desses militantes, a qualquer imprudência sua. Põe-se, e é agora a melhor oportunidade, a cambiar as tendências inconscientemente provocatórias de grande parte dos nossos camaradas. Entre nós, aparece frequentemente o que querê saber tudo, porque isso julga, lhe dá superioridade, ou o que tudo conta, claro está, a «rapidez de confiança», que lie-ri-a-emburrados se subessem que eles não contava o que sabi. E contra este estado de espírito que nos temos de lutar na disposição bolchevique de ser inezorável para tal procedimento.

Nas as consequências da resistência de tais curiosos e faladores não fica por aqui. Além de poderem ser inconscientemente agentes da polícia que por eles sabe tudo, são provocadores no Partido porque lançam o pânico dentro dele, nos momentos em que, como agora, uma grande fatalidade caiu sobre o Partido.

No caso presente não faltou logo quem exagerasse o número de prisões, indicasse a outros camaradas nomes de militantes de valor que tinham sido supostamente presos, que não atribuisse levemente o papel de provocador a soldo da polícia, a camaradas cuja dedicação abnegada é orgulho do nosso P. e exemplo para todos nós.

Os camaradas que assim procederam levemente é que agiram dum maneira provocatória e é isso que nos faz deter sobre o caso porque indica que dum forma mais ampla que é necessário, se conhecem os camaradas que actuam nos vários sectores. É preciso, pois, acabar com tal estado de coisas. É necessário que não haja mais membros do P. ou simpatizantes que, ao falar-se de tal caso, digam o nome ou pseudónimo dum militante e lhe indiquem os sinais; pegam a um camarada, amigo íntimo, e dizem «confiança», embora, que lhes diga onde vai reunir com outro e que é esse; que desejem saber isso ou aquilo.

Piatniski, no 13.º Pleno da I.C., pôs ao Partido alemão, três pontos fundamentais: luta contra a provocação; criação de quadros; luta contra a centralização excessiva. Também nós temos de lutar sobretudo pelos dois primeiros. Por isso chamamos a atenção do Partido, em todos os seus locais, para o maior respeito das regras conspirativas. A falta de cura o de um camarada, a sua ânsia de contar coisas e lousas, ou de lançar boatos, serão motivo de expulsão das fileiras do Partido em qualquer escalação que isso se dê.

PELA UNIDADE DE ACÇÃO CONTRA O FASCISMO E A GUERRA

O HISTÓRICO DISCURSO DE DIMITROFF NO VII CONGRESSO DA INTERNACIONAL COMUNISTA

Publicamos a seguir alguns extractos mais importantes do grande discurso de Dimitroff, pronunciado no dia 2 de Agosto perante os delegados dos partidos comunistas de todos os países. Com estes extractos damos em evidência as questões fundamentais do movimento comunista internacional no próximo futuro.

Porisso chamamos a atenção de todos os leitores para os problemas candentes da luta contra o fascismo: a guerra, tal como os apresenta Dimitroff, certos de que, segundo o caminho que ele nos traça, conseguiremos vencer o fascismo e a reacção, e com esse feito restabelecer aquelas liberdades e realizar aquelas aspirações que constituem o desejo comum de quantos sofrem a exploração e a opressão bestial do fascismo satzmarista.

O fascismo é um poder feroz mas precário

«A ditadura fascista da burguesia é um poder feroz mas precário... «A classe operária deve saber utilizar as contradições e os conflitos no campo da burguesia, mas não deve amadurecer a ilusão de que o fascismo se esgotará a si próprio. O fascismo não se derrubará automaticamente. Sómente a actividade revolucionária da classe operária ajudará a utilizar os conflitos que surgem inevitavelmente no campo da burguesia, para sapar a ditadura fascista e derrubá-la... «Só os filisteus monstruosos, os lacaios da burguesia, tais como o mais antigo teórico da II Internacional, Karl Kautsky, podem censurar aos operários o terem pegado em armas na Austria e em Espanha. Como estaria hoje o movimento operário na Austria e em Espanha se a classe operária destes países se inspirasse nos conselhos traidores dos Kautsky? A classe operária sentiria, neste caso, uma profunda desmoralização nas suas fileiras.

«A escola da guerra civil — diz Lênine — não se faz sem que os povos a pague. E' uma escola rude e o seu curso completo contém, inevitavelmente, vicelrias da contra-revolução, o desencadeamento das reacções irritadas, as selvagens repressões exercidas pelo velho poder contra os amotinados, etc. Mas, sómente os pedantes endurecidos, e as múmias que perderam todo o senso comum, podem deplorar a entrada dos povos nesta penosa escola. Esta escola ensina às classes oprimidas a condução da guerra civil, ensina-lhes a revolução victoriosa, concentra na massa dos escravos modernos o ódio que guardam eternamente no seu furo íntimo contra os escravos oprimidos, obtusos, ignorantes, e que conduzem os maiores cometimentos históricos os escravos que conquistaram a consciência da vergonha da sua e cravatura.

«O fascismo, que pareceu como resultado da decadência do sistema capitalista, age, em última análise, como um factor da sua decomposição interior. Desti fuma, o fascismo que tomou como obrigação e entraram no marxismo, o movimento revolucionário da classe operária, conduz, ele próprio,

como resultado da dialéctica da vida e da luta de classes, ao desenvolvimento ulterior das forças que devem ser as suas enterradoras, as enterradoras do capitalismo»

O importante da frente-única da classe operária contra o fascismo

«O estabelecimento da unidade de acção de todos os destacamentos da classe operária, independentemente do partido ou da organização aos quais pertençam, é necessário mesmo antes que a maioria da classe operária se una na luta pelo derrubamento do capitalismo e pela vitória da revolução proletária.

«É possível esta unidade nos diferentes países e no mundo inteiro? Sim, é possível, e de seguida. A Internacional Comunista não apresenta a unidade de acção mais do que uma única condição elementar e aceitável para todos os operários. A saber: que a unidade de acção seja dirigida contra o fascismo, contra a ofensiva do capital, contra as ameaças de guerra, contra o inimigo de classe. E's a nossa condição.

O conteúdo e as formas da frente-única

«Qual é e qual deve ser o conteúdo essencial de frente-única na etapa dada? A defesa dos interesses económicos e políticos imediatos da classe operária, a defesa desta contra o fascismo deve ser o ponto de partida e deve constituir o conteúdo essencial da frente-única em todos os países capitalistas»

«Nós devemos indicar às massas

o que elas devem fazer hoje para se defenderem contra a pilhagem capitalista e a barbarie fascista.

«Devemos trabalhar para estabelecer a mais ampla frente-única, por meio de acções comuns das organizações operárias de diferentes tendências, para defesa dos interesses vitais das nossas trabalhadoras.

Isto significa, em primeiro lugar, lutar em comum para fazer, realmente, recair os efeitos da crise sobre os ombros das classes dominantes, sobre os ombros dos capitalistas, dos proprietários, numa palavra, sobre os ombros dos ricos.

Em segundo lugar, lutar em comum contra todas as formas de ofensiva fascista, pela defesa das conquistas e dos direitos dos trabalhadores, contra a liquidação das liberdades democráticas burguesas.

Em terceiro lugar, lutar em comum contra o perigo iminente de uma nova guerra imperialista, lutar de maneira a enlavar a sua preparação.

«Os comunistas, evidentemente, não podem nem devem renunciar, por um só momento que seja, ao trabalho independente em matéria de instrução comunista, de organização e de mobilização de massas. No entanto, afim de assegurar aos operários a via que conduz à unidade de acção, é necessário simultaneamente, trabalhar para a realização de acordos, breves ou de longa duração, sobre acções a emprender em comum com os partidos social-democratas, sindicatos reformistas e as outras organizações dos trabalhadores, contra os inimigos

de classe e do proletariado. Ao fazer isto, é preciso orientar a atenção principal para o desenvolvimento de acções de massas na base, realizadas pelas organizações de base, por meio de acções concluídas no momento.»

«Está claro que a realização concreta da frente-única nos diferentes países se realizará de maneira diferente, que ela tomará formas diferentes segundo o estado e o carácter das organizações operárias, segundo o seu nível político, a situação concreta do país considerado, as mudanças apreciadas no movimento operário internacional, etc..

«Estas formas podem ser, por exemplo: a acção comum combinada entre os operários de um momento para o outro, por motivos concretos, pela reivindicação das suas, ou sobre a base de uma plataforma comum; a acção combinada em diversas empresas ou por ramos da produção; a acção combinada na escala local, regional, nacional ou internacional; a acção combinada com vistas a organização da luta económica dos operários; a realização de acções políticas de massas; a organização da auto-defesa comum contra os ataques fascistas; a acção combinada para prestar socorro; nos desastres e às suas famílias, para lutar contra a reacção social; a acção combinada para a defesa dos interesses da juventude e das mulheres; no domínio da cooperação, da cultura, dos sports, etc., etc.»

«Os comunistas e todos os operários revolucionários devem trabalhar para a criação de organismos de classe, sem partido, de frente-única nas empresas, entre os empregados, nos bairros operários, entre populações das vilas e aldeias, organismos estes criados por eleição (e nos países de ditadura fascista, escolhida entre os participantes mais autorizados do movimento de frente-única).

A frente popular antifascista

«Na obra de mobilização das massas trabalhadoras para a luta contra o fascismo, uma tarefa particularmente importante consiste na criação de uma larga frente popular antifascista, sobre a base da frente-única proletária.»

«O principal e mais decisivo factor para estabelecer a frente popular antifascista, está na acção resolvida do proletariado revolucionário pela defesa das reivindicações destas camadas e, em particular, do camponês laborioso, reivindicações que seguem a linha dos interesses fundamentais do proletariado, e que importa combinar no processo da luta, com as reivindicações da classe operária.»

A frente-única e as organizações fascistas de massas

«Camadas: a luta pelo estabelecimento da frente-única nos países em que os fascistas estão no poder é, possivelmente, o problema mais importante que se nos oferece.»

«Ora a tarefa fundamental nos

DOIS PAISES, DOIS SISTEMAS

Em Portugal

Dr. Teotónio Pereira

(IDEOLOGO DO «ESTADO-NOVO» E DOS CAPITALISTAS)

«Reconhece-se ao capital o direito de conservação ou amortização e do justo rendimento, estabelecendo-se que não podem prevalecer contra ele os interesses ou os direitos do trabalho.»

«O capital não está por consequência só em campo e há que rodeá-lo de medidas de protecção condicionadas pelo interesse público...»

«O capital sabe em que lei deve viver e quais as garantias que lhe dá um Estado forte e consciente da sua missão. (Discurso pronunciado no Secretariado de Propaganda Nacional, em Lisboa, em 17 de Fevereiro de 1934, perante um auditório de pessoas «bem instaladas no banquete da vida».)

«Uma das mais graves (massas da terra) é, seguramente, o desemprego.

«Este problema choca e revolta todo o espirito bem formado. Singular civilização é esta, desastrado arranjo de coisas o que nos rege, que não comporta a farsuleira do trabalho honesto para cada homem válido que quer ganhar o seu pão! (Da conferência realizada no Teatro de S. Carlos em 5 de Junho de 1933)

Na URSS

DIMITROFF

(IDEOLOGO DO PROLETARIADO)

«Camaradas: vós viestes dos países do Capital para o país da ditadura proletária, a União Soviética, e é o primeiro mas não o último Estado do proletariado mundial. (aplausos)

«Vós tendes, e tereis ainda possibilidade de constatar com os vossos próprios olhos a diferença prodigiosa entre a situação da classe operária nos países onde domina o Capital e o fascismo, e a situação aqui, num país onde a classe operária, após ter vencido a burguesia edifica vitoriosamente o socialismo, sob o égide do glorioso Partido Bolchevique, dirigido pelo grande chefe do proletariado mundial o camarada Staline. (vivos aplausos)

«A bandeira vermelha da revolução proletária flutua vitoriosamente em uma sexta parte do mundo. Sobre uma sexta parte do mundo o poder está nas mãos dos operários e dos camponeses, e não dos capitalistas e dos grandes proprietários...»

(Discurso pronunciado na Sala das Colunas, em Moscovo, em Maio de 1935, perante as delegações operárias dos países capitalistas que visitaram a URSS naquela data).

Continua na 4.ª página



UMA INFAMIA

Rebrotada por uma manifestação
"PATRIÓTICA"

ALMADA.—(Envia-nos um camarada da anarquista o seguinte artigo que publicamos com todo o prazer. «Avante!» órgão do proletariado está sempre ao dispor de todos os proletários.)

No passado dia 8 de Dezembro, realizou-se na vila do Almada, uma manifestação promovida pela liga dos Combatentes da Grande Guerra, que teve por objectivo a condenação do estandarte da mesma liga. CERIMONIA esta presidida pelo ministro da Guerra.

Esta renegada «liga» serviu de pretexto para encobrir uma infâmia praticada pelo presidente da mesma liga, que é o célebre PITEIRA tido conhecido em Almada pelas suas proezas de um autêntico fascista; o dito PITEIRA é célebre pelas suas ações e por ser principalmente proletário.

O caso é o seguinte:

Ha tempo, há pequena coisa no meio da vila para o caso, arresponde-se, acompanhada por uma tia, no posto da Guarda Nacional Republicana, a apresentar uma queixa contra um soldado do Forte da Queilã, Vila, de que tendia, isto seduzido, o dito soldado, este negava-se a casar, como lhe havia prometido. Sabia camaradas, especialmente os combatentes que nesta manifestação, se passaram a desempenhar um papel pouco nobilitante, que foi a atitude do soldado furtivo PITEIRA? Em vez de suavizar a desastrosa situação dessa pequena que via a sua vida destruída, e a pretexto de que a sua vida não lhe assistia ao interior do gabinete, ainda tentou abusar da pobre pequena que ali lhe pediu a protecção da AUTORIDADE para que este participasse contra o seu sedutor. Em vista da atitude deste «cavalheiro», foi participada às autoridades os apêndices deste caso vergonhoso e infame, cujo processo, segundo nos consta está correndo os seus trâmites. Ora o «senhor» PITEIRA ao ver-se envolvido num processo e por um caso desta natureza tratou de preparar uma manifestação que brotasse de patriotismo por todos os lados o caso e as vergas e vigarões conseguiram os seus intentos.

Não vos fideis em antigas, camaradas Combatentes, porque sabeis perfeitamente que se amanhã não corresponddes às vitórias do «Estado Novo», sereis encarcerados como outro qualquer cidadão.

Quero um exemplo?

A hora em que os combatentes se entregavam a grandes manifestações PATRIÓTICAS encontrava-se preso na cadeia do Almada o ex-combatente, arruinado fisicamente pela Guerra, João Braz (fira de Lila) por ter cometido o GRANDE delito, por qualquer circunstância da sua vida, ter falado a última revista militar. E como vêdes, o patriotismo, durante os oito dias que este desgraçado esteve preso, não foi levar para as tristezas crianças que estavam rebentando com fome.

No andar inferior onde se encontrava instalado a Liga, morava uma pobre mulher, que se encontrava adivinhando no momento em que se realizava a INFESTANÇA, pois o acto mais humanitário que lhe puderam prestar, foi por as mu-

lheres fascistas, particularmente na Alemanha e na Itália, onde o fascismo soube assegurar uma base de massas «obriga», pela força, os operários e os outros trabalhadores a entrarem nas suas organizações, consiste em combinar judiciosamente a luta contra a ditadura fascista a partir do exterior, supondo-a interiormente, nas organizações e nos organismos de massas, fascistas. É necessário estudar, assimilar e aplicar, segundo as condições concretas de cada país, os métodos e meios particulares que contribuem para a desagregação rápida da base de massas do fascismo e preparar o derrubamento da ditadura fascista. Estas condições é preciso estudá-las, assimilá-las e aplicá-las, e não limitá-las simplesmente a gritar: «Abaixo Hitler» e «Abaixo Mussolini». Estudar, assimilar e aplicar.

Tomai, por exemplo, a Frente do Trabalho, na Alemanha, cujos sindicatos fascistas, na Itália. Não será possível exigir a eleição, a vez da nomeação, dos funcionários da Frente do Trabalho, ou insistir para que os organismos dirigentes dos grupos locais prestem conta da sua actividade às assembleias dos membros das organizações? Não será possível apresentar, por decisão do grupo, estas reivindicações ao patrão, ao «inspector do trabalho», nos organismos superiores da «frente do trabalho»? E

Abnegação bolchevique

Os presos de Peniche auxiliam o «Avante!»,

Tínhamos já iniciado, segundo se diz no local respectivo, a subscrição permanente a favor de «Avante!» quando recebemos a carta que abaixo transcrevemos, junta à quantia de vinte escudos que os nossos camaradas presos nas masmorras de Peniche nos enviaram.

Enche-nos de comovimento e orgulho a carta do Secretariado da Célula da prisão. Entre as maiores dificuldades, passando muitas vezes fome, os nossos camaradas, como verdadeiros bolcheviques, não deixam de lutar. Lá dentro, cheios de privações não se esqueceram da luta que nos há-de levar à sua libertação. Por isso se coizaram e cotizaram para auxiliarem decididamente a difusão do «Avante!».

Os presos de Peniche nos clamam a subscrição a favor do «Avante!» Que todos os nossos camaradas se inspirem no seu alto exemplo e saibam contribuir para a subscrição que lhes com tanto «acrifício» abriam.

Segue a carta:

«Camaradas»

«No nº 42 do «Avante!» lêmos: Do auxílio financeiro a prestar pelos nossos camaradas a nossa imprensa depende, em grande parte, o alargamento da nossa acção revolucionária».

«Para nós, todos os apêlos, todas

sicas mesmo à porta executando os seus, e naquele ambiente, a infeliz sucumbia debaixo dos maiores horrores, realizando-se o seu funeral no dia seguinte. Para muitos foi talvez um caso despercebido, mas o que pedimos apanhar é que é a realidade.

possível com a condição dos operários revolucionários trabalharem realmente na «frente do trabalho» e de procurarem obter postos nessas «frentes».

Métodos de trabalho análogos são possíveis e necessários nas outras organizações fascistas de massas — na união histórica das juventudes, nas organizações desportivas, na organização «Kraft durch Freude», «Bono lavoro» na Itália, nas cooperativas, etc.

Camaradas: vós lambraí-vos da antiga legenda da conquista de Troia. Troia, para se pôr ao abrigo do exército que a atacava, fez-se rodear de muralhas inabarcáveis. E o exército atacante, após grandes baixas, só alcançou a vitória com o auxílio do famoso cavalo de Troia, que penetrou no próprio coração do inimigo.

Parece-me que nós, operários revolucionários, não devemos recomendar-nos em adoptar a mesma tática para com o nosso inimigo fascista, que se defende contra o povo com o muro vivo dos seus esgandorados (aplausos).

Aquêle que não compreende a necessidade de aplicar esta tática para com o fascismo, aquêle que julga «humilhante» esta maneira de agir, pode ser um excelente camarada, mas, permiti-nos que vos divulguemos, um paladão e não um revolucionário, e não saberá conduzir as

as resoluções do Partido, todas as suas decisões, constituem, no seu conjunto, a linha política que procuramos seguir o mais estritamente possível.

Sem duvida, a nossa vida aqui na prisão não é desoladora. Esta mesmo muito longe de o ser. Não raras vezes temos de ficar todo o dia a café por não termos dinheiro para mais. Isto, porque o rancho é intragável, a maior parte das vezes. Alguns camaradas trazem farrapos de casacos em cima da pele; nem camisa têm. Quando arranjam alguns escudos exultamos por podermos receber a visita das nossas companheiras e filhos.

Mas, apesar de tudo, defendemos o nosso direito de contribuir para o nosso jornal.

São poucos os escudos que arranjam mas sabemos que todos os trabalhadores compreenderão o valor dos testes que os presos arrancam, a bem dizer do estômago.

Esperamos que a volta dos poucos que vos enviamos se aglomere em centenas e milhares de escudos que farão com que o «Avante!» penetre em todas as fábricas, em toda a parte onde haja explorados.

Todos os meses os noventa camaradas da nossa célula, enviaremos ao produto da cotização voluntária, que decidimos se fizese, com o fim de auxiliar o «Avante!».

Deveis abrir uma subscrição permanente nas suas colunas pois que conosco vão contribuir milhares e milhares de explorados de todo o país.

«O Secretariado da célula da Fortaleza de Peniche»

massas ao derrubamento da ditadura fascista. (aplausos)

A luta pela unidade sindical

«Nós afirmamos nos resolutivos p-lo estabelecimento da unidade sindical, em cada país e na escala internacional, nós somos pelo sindicalismo único, em cada indústria nós somos pela unificação sindical em cada país; nós somos pela unificação sindical internacional por indústria; nós somos por uma Internacional sindical única sobre a base da luta de classes; nós somos pelos sindicatos de classe únicos, como redutos que são da classe operária contra a ofensiva do capital e do fascismo. Sendo assim, nós não apresentamos senão uma única condição para a unificação dos organismos sindicais: a luta contra o capital, a luta contra o fascismo e pela democracia interna nos sindicatos».

«Nós devemos declarar da maneira mais categórica, que o operário comunista, o operário revolucionário que não adere ao sindicato de massa da sua profissão, que não combate para transformar o sindicato reformista numa verdadeira organização sindical de classe, que não combate pela unidade do movimento sindical sobre a base da luta de classes, esse operário comunista, esse operário revolucionário não se desempenha do seu primeiro dever revolucionário (aplausos)

A Frente Única e os jovens

«A tarefa principal do movimento comunista da juventude nos países capitalistas, é a de marchar intrinsecamente na via da realização da frente-única, na via da organização e do agrupamento da jovem geração trabalhadora».

«As uniões das juventudes comunistas devem tender, por todos os meios, para o agrupamento das forças de todas as organizações de massa, não fascistas da juventude indo até ao ponto de criar organizações comuns de toda a espécie, para a luta contra o fascismo, contra a espantosa ausência de direitos e da militarização da juventude, pelos direitos económicos e culturais da jovem geração, pelo reunião, ao lado da frente anti-fascista, dessa juventude, onde quer que ela esteja; nas empresas, nos campos de trabalho forçado, nas bolsas de trabalho, nas caceras e na marinha, nas escolas ou nas diversas organizações desportivas, culturais e outras».

Desenvolvendo e reforçando as I.C., os nossos jovens comunistas devem trabalhar para a criação de associações anti-fascistas de uniões comunistas e socialistas de jovens, sobre a plataforma da luta de classes».

A Frente Única das Mulheres

«É preciso encontrar as formas mais simples e mais flexíveis que permitam estabelecer um contacto e a luta comum, com as organizações femininas revolucionárias, anti-guerrilhas e anti-fascistas, social-democráticas e progressistas».

Devemos, custe o que custar, trabalhar de maneira que as operárias e as mulheres trabalhadoras

Continua na 5ª página

lutem, ombro a ombro, com os seus irmãos de classe, nas fileiras da frente-única da classe operária e na frente popular antifascista.

«A questão de saber se sob o terreno da frente-única, nos comunistas, preconcipimos só a emulação pelas reivindicações pacíficas, se estamos dispostos a compartilhar a responsabilidade, mesmo que se trate de criar um governo sobre a base da frente-única, nos responderemos plenamente conscientes da nossa responsabilidade: sim, encaramos essa eventualidade, em que a criação de um governo de frente-única proletária ou de frente popular antifascista se torna, não só possível mas indispensável, no interesse do proletariado. (aplausos) E, neste caso, interviríamos, sem nenhuma hesitação, para a criação de um governo semelhante.

«Que governo é esse? E em que situações se encara essa possibilidade?

«E, antes de tudo, um governo de luta contra o fascismo e contra a reacção. Deve ser um governo formado em consequência do movimento de frente-única, e que não limite, de modo algum, a actividade do partido comunista e das organizações de massas da classe operária, mas, pelo contrário, que tome as disposições energéticas dirigidas contra os magnates contrarrevolucionários da finança, e contra os seus agentes fascistas.

No momento propício, apoiando-se sobre o movimento crescente de frente-única, o partido comunista do país considerado, intervirá para a criação de um governo semelhante, sobre a base de uma plataforma antifascista determinada.

Em que condições objetivas seria possível a formação de um tal governo? A forma que não pode responder-se pela estrutura política nas condições de uma crise política, quando as classes dominantes já não estão em estado de subjugar o potente ascenso do movimento antifascista de massas. Mas isto não é mais do que uma perspectiva geral, sem a qual não será possível, praticamente, formar um governo antifascista. Sobre a existência de condições mínimas para a formação de condições mínimas determinadas, pode inscrever, na ordem do dia, o problema da criação d'isto governo, como uma tarefa politicamente indispensável. Parece-me que, na ocorrência, as seguintes condições se erem em a maior atenção :

Primeiramente, quando o aparelho do Estado da burguesia está sistematicamente desorganizado e paralizado, de tal forma que a burguesia não possa impedir a criação de um governo de luta contra a reacção e o fascismo;

Em segundo lugar, quando as largas massas trabalhadoras, e particularmente os sindicatos de massas se levantam impetuosamente contra o fascismo e a reacção, mas não estão ainda dispostas a levantarem-se além de lutar, sob a direcção do partido comunista, pela conquista do poder soviético;

Em terceiro lugar, quando a diferenciação e a evolução para a esquerda, nas fileiras da social-democracia e dos outros partidos que participam na frente-unida, já chegou ao resultado de uma frente

considerável de entre eles, exigindo medidas implacáveis contra os fascistas e os outros reacionários; lutar em comum com os comunistas, contra o fascismo, e intervir abertamente contra a porção reacionária do seu partido, hostil ao comunismo.

... «Apar os milhões de abastalhadores a compreenderem, o desespero possível, pela sua própria experiência, o que lhes falta fazer para encontrarem a saída decisiva de qual o partido que merece a sua confiança, — eis para que são necessárias, entre outras, as palavras de ordem transitórias, assim como as formas particulares de transição ou de aproximação, para a revolução proletária. De contrário as grandes massas populares, que recebem o contacto dos flusões e das tradições democráticas pequenas burguesas, podem, mesmo em presença de uma situação revolucionária, hesitar, temporizar e errar, sem encontrarem o caminho da revolução — para caírem, em seguida, sob os golpes dos carneiros fascistas.

«Eis porque encaramos a possibilidade de criar, nas condições de uma crise política, um governo de frente-única» — antifascista. Na medida em que esse governo empreenda, realmente, a luta contra os inimigos do povo, conceda a liberdade de acção à classe operária e ao partido comunista, nós, comunistas, apoia-lo-hemos por todos os meios e, como soldados da revolução, bater-nos-hemos na primeira linha. Mas, diremos abertamente às mas-

815

Este governo não pode trazer a **SOLUÇÃO DEFINITIVA**. Ele não está em estado de derrubar a dominação de classe, dos exploradores, e é por isso que não pode afastar definitivamente o perigo da contra-revolução fascista. Por consequência, é necessário prepararmo-nos para a revolução socialista! Só, e nada mais do que o poder soviético trará a solução!

«Um dos lados mais fracos da luta antifascista dos nossos partidos consiste em não reagirem suficientemente, e em tempo oportuno, contra a «omagogia» fascista, continuando até agora a considerarem com desdém as questões da luta contra a ideologia fascista.

«Os fascistas rmechem tódá a história de cada povo para se apresentarem como herdeiros e continuadores de tudo quanto tem havido de sublime e de heroico no passado; de tudo o que houve de humilhante e de injurioso para os sentimentos nacionais do povo servem-se eles como arma contra os inimigos do fascismo. Na Alemanha editam-se centenas de livros com um único fim: falsificar, segundo a maneira fascista, a história do povo alemão.

«Os comunistas que consideram que tudo isto não diz respeito à causa da classe operária, que não fazem nada para esclacer, de uma maneira justa sob o ponto de vista histórico — no verdadeiro sentido marxista, leninista-marxista, leninista-stalinista, — as massas trabalhadoras sobre o passado do seu próprio povo, para unir a sua luta actual.

As suas tradições e ao seu pas-
ado revolucionário, estes comunis-

tas abandonam voluntariamente as falsificações fascistas, tudo quanto há de preciso no passado histórico da nação, para que os fascistas possam ridicularizar as massas populares (aplausos)

«Nos comunistas, somos os adversários irreconciliáveis, por princípio, do nacionalismo burguês em todos os seus aspectos. Mas também somos partidários do nihilismo nacional, e não devemos nunca afirmar-nos como tal. O problema da educação dos operários e de todos os trabalhadores no espírito do internacionalismo proletário é uma das tarefas fundamentais de todos os partidos comunistas de todos os países. Mas isto lhes permite exprimir-se e até, que os obrigue a encarnarem, sobre todos os sentimentos nacionais das grandes massas trabalhadoras, estão longe do bolchevismo autêntico; dão mostras de nada terem compreendido da doutrina de Lênine e de Stalin sobre a questão nacional (aplausos).

...E penso, camaradas, que agi com justiça no processo de Leipzig, tomando a defesa da honra nacional das massas trabalhadoras desse povo que luta abnegadamente contra os usurpadores fascistas, esses verdadeiros bárbaros e selvagens, quando os fascistas alemães tentado caluniar o povo búlgaro como sendo um povo bárbaro, (vivas e aplausos prolonga-los) e quando declarei que não tinha nenhuma razão para ter vergonha de ser Búlgaro e que, pelo contrário, me sentia orgulhoso de ser filho da heroica classe operária búlgara. » (aplausos)

...A frente única do proletariado colocou na frente um exército de operários que poderá desempenhar a sua missão se á cabeça desse exército se encontrar uma força rectora que lhes mostre o fim e o meio. Essa força rectora não de ser outra senão um sólido partido revolucionário proletário.

Quando nós, comunistas, fazemos todos os esforços para estabelecer a frente-única, fazemo-lo, não sob o ponto de vista acanhado de recrutamento de novos aderentes para o partido comunista. Mas devemos, reforçar, por todos os meios, os partidos comunistas e aumentar os seus efectivos, precisamente porque desejamos reforçar seriamente a frente-única.

Na actual situação, o sectarismo suficiente, conforme o qualificamos no projecto de resolução, entrava, antes de mais nada, a nossa luta pela realização da frente-única. O sectarismo, satisfeito com o seu espírito doutrinar acabado, com o seu isolamento da vida real das massas; satisfeito com os seus me-

todos simplificados para a solução dos problemas mais complexos do movimento operário, tendo por base esquemas estereotipados sectarismo que pretende ser onisciente e que julga superfluo matricular-se na escola das massas e assimilar as lições do movimento operário numa palavra, o sectarismo que, conforme se diz, não duvida de coisa al-

O sectarismo suficiente não quer nem poder compreender que a direção da classe operária não se obtem automaticamente. E' preciso conquistar o papel dirigente do partido comunista nas batalhas da classe operária. Portanto não se trata de discutir sobre o papel dirigente dos comunistas, mas sim de, através de um trabalho de massa, convencer e de uma politica justa, merecer conquistar a confiança das massas operárias.

Camadas: s ão pou s
nas nossas fileras os elementos
doutrinários que, na política da
frente única, não fareja n sem-
pre e em q ã a part, mais do que
perigos? Para êsses camaradas to-
da a frente-única não é mais do que
um perigo continuo. Mas êste espí-
rito de princípios, sectário, não é
outra coisa senão a impotência po-
lítica ante as dificuldades de direc-
ção imediata da luta das massas.

...O sucesso da luta pelo estabelecimento da frente-única exige, necessariamente, uma luta constante, nas nossas fileiras, contra a tendência a fazer diminuir o papel do partido, contra as ilusões legalistas, contra a orientação para a espontaneidade e para o autonomismo, tanto no que respeita à liquidação do fascismo como no que respeita à realização da frente-única contra as menores hesitações no momento da acção resolutiva.

Camaradas :

Há sábios que julgam ver em tudo isto um afastamento das nossas posições de princípio, uma certa inclinação para a direita, vis-à-vis da linha do bolchevismo. Que que-reis! Na minha terra, na Bulgária, diz-se que uma galinha esfomeada só pensa no milho. (Risos e vivos aplausos).

Deixemos as gôlinhas políticas
pensar o que lhes aprouver. (Risos)
• vivos aplausos

Isso interessa nos bem pouco.
Para nós, o que interessa são os
nossos próprios partidos e que as
grandes massas do mundo inteiro
compreendam de uma maneira justa
aquilo a que aspiramos.

'Não seríamos marxistas revolucionários, leninistas, os dignos discípulos de Marx, Engels, Lênine e Staline, se, segundo a situação mudada e as transformações ocorridas no movimento operário mundial, não recompossemos de maneira apropriada, a nossa política e a nossa tática.

... «Não desejamos que os nossos partidos, nos países capitalistas, intervenham e ajam como verdadeiros partidos políticos da classe operária; que eles da sempre, nhem, realmente, o papel de factor politico na vida d's seus paí:s; que conduzam sempre uma politica bolchevique, activa, de massa, em lugar de se limitarem somente à propaganda, à critica e aos apêlos frustrados à luta pela ditadura do proletariado.

...«Nós desejamos arrastar massas cada vez maiores à luta revolucionária de classe, e conduzi-las à revolução proletária, partindo dos seus interesses e necessidades placentes e sobre a base da sua própria experiência.

...«Nós desejamos que em cad

O Fascismo alemão em decadência

Ao a esmofo tempo que anunciava, por t o do mundo, ter vncido o comunismo, o nazismo queria convencer todos, a força, de que a sua situação era próspera, que a crise, essa malvada crise, não era mais que uma criação dos judeus e dos seus TEMÍVEIS ALIADOS, os comunistas.

Porém, como dizia Lenine, a vida é muito teimosa, a marcha da sociedade capit lista não segue por onde lhe apontam os grilos histéricos de Goebbels o a senda sanguinolenta das vítimas dum Goeling.

A crise não se comina com discursos, como o comunismo não se vence com torturas e assassinios. Na Alemanha, o movimento comuni la é cada vez mais forte e a crise manifesta-se, lá, com a maior violência. As agências telefônicas declaram-no e é o próprio Hitler quem o confirma.

Num telegrama de Berlim d: 30 de Novembro a Havas diz que «As massas nazis inquietam-se com o luxo de que se rodeiam certos dirigentes» e que «O inverno está à porta e anuncia-se rigoroso. Novos sacrifícios vão ser pedidos à população». C leulam os círculos oficiais que o desemprego sofra um aumento de 1 milhão e meio de indivíduos»

Hitler num discurso a que se refere o telegrama saluda «as atenuas dificuldades». Claro que não desanima, e interpreta a miséria do povo com toda a facilidade: «Temos ainda hoje problemas a resolver e FELIZMETE que assim e, pois doutro modo a vida não teria interesse.»

Para Hitler, a miséria catastrófica da Alemanha é um bem porque vêemso a maneira de «r interresse à vida.»

A demagogia hilleriana atingiu o desafio dos loucos e dos perdidos: Supõe que as suas fanfarronadas e os seus crimes deterrão as massas exploradas que lutam pelo Pão, Terra e Liberdade sob a chefia do glorioso Partido de Thaelman.

O DISCURSO DE DIMITROFF

(Continuação da 5ª página)

país os comunistas disporem em tempo oportuno e utilizem todos os ensinamentos da sua própria experiência, como guarda avançada revolucionária que são, do proletariado. Nós desejamos que eles aprendam rapidamente a nadar nas águas tumultuosas da luta de classes, em vez de ficarem à margem, como observadores registando as vagas que sobem e a esperam de melhores tempos.

Eis o que nos queremos! E nos queremos o tudo isto porque só assim a classe operária, a cabeça de todos os trabalhadores, fundidum exército revolucionário com a força de milhões de combatentes, guiado pela Internacional Comunista e possuindo esse grande sábio timor que é o nosso chefe e camarada Staline, poderá desempenhar-se com segurança dessa missão histórica — varrer da face da terra o fascismo e, com ele, o capitalismo!

NA URSS

A INSTRUÇÃO NA URSS

A URSS é, já hoje, o país em que a instrução está mais desenvolvida. Está lá hoje posto em prática o ensino secundário (escola de 10 anos) OBRIGATORIO.

Os seguintes números indicam os extraordinários progressos realizados, que só a construção vitoriosa do Socialismo permite.

Em 1918 havia nas escolas primárias e secundárias russas, 8 milhões de alunos; em 1920, esse número era de 11 milhões; em 1934, depois da realização do 1.º plano quinquenal, as condições da vida soviética permitiram o ensino de 23,5 milhões de crianças.

Os números são impressionantes porém massivos demais. Vejamos mais particularmente: Nas repúblicas nacionais da Federação das repúblicas russas (a parte mais importante da URSS) o ensino era, no tempo do Iarismo, privilégio de poucos ou nenhuns e dado em língua estranha: o russo. Hoje, o ensino é feito na língua da região e os cidadãos que merecem esses povos outrora escravizados, evidenciam-se no crescimento que o seu ensino secundário teve de 1928 a 1933.

Assim, em relação ao primeiro daqueles anos, o número de alunos nas escolas secundárias cresceu: No Daghestan — 3 vezes; na República Tártara — 4 vezes e meia; na República Jakute — 5 vezes e meia; na República Kirghize — 6 vezes e meia.

O plano geral da reconstrução de Moscou em 10 anos, prevê um aumento de duas vezes da histórica Praça Vermelha. Depois da reconstrução, esta praça será uma das mais belas do mundo.

A célebre igreja de S. Basílio continuará no seu lugar.

Duma maneira geral, convém lembrar, na reconstrução de Moscou, todos os monumentos históricos e arquitetônicos do passado serão conservados.

Em 16 de Agosto terminou, em Moscovo, o Congresso Internacional de Fisiologia. Este Congresso foi o maior da sua especialidade até hoje. Tomaram nele parte 1500 sábios, dos quais 600 eram soviéticos. Em diversas alocações e entrevistas e discursos radiodifundidos, esses sábios estrangeiros exprimiram a sua admiração. O Dr. Oskar Riddle, do Instituto Carnegie de Washington (E. U. da América) declarou que duas coisas tinham, sobretudo, impressionado os sábios estrangeiros: primeiro, o número cada vez maior de jovens dos dois sexos que se dedicam às ciências; segundo, o vasto auxílio que o governo soviético dá à fisiologia e outras ciências.

O professor Alpeto (Austrália) declarou que o Instituto de morfogenese de Moscovo é O MELHOR DO MUNDO.

O doutor Shercoj Eddy, chefe do movimento cristão americano, fez uma conferência em Londres, no regresso da sua décima segunda viagem à URSS. Nela expôs os ma-

Na educação pré-escolar (ignorada na Rússia tsarista e quase desconhecida em Portugal) também os progressos foram extraordinários. No fim do 1.º plano quinquenal havia 5.200.000 crianças que recebem essa educação em 5.750 jardins de infância e 27.000 creches.

Não se pense, porém, que só as crianças das cidades m regem a atenção do regime soviético. Nos Kolcosos e Sovcozes, foi enorme o número de crianças que frequentaram os jardins de verão. Em 1930 (antes do coletivização em massa da agricultura) havia aí 750.000 crianças; em 1934 (com a coletivização quisi integral) esse número já era de 3.750.000.

Digamos, ainda, que há 45 jornais e 20 revistas infantis, assim como 68 teatros de actores e 55 de «marionetes» e 90 cinemas a elas destinadas não contando os inúmeros escolares.

E, para finalizar, não esqueçamos que as crianças soviéticas têm a mais numerosa e forte organização de todo o mundo: a Federação dos Pioneiros, com 9 milhões de filiados e uma real acção na vida e lectiva socialista.

No Mundo Novo do Socialismo, o carinho pelas crianças é uma realidade e um símbolo da Nova Humanidade. Com os olhos fixos na juventude soviética lutarão os trabalhadores do mundo inteiro.



ravilhosos e rápidos progressos no domínio da educação, da reconstrução de criminosos e da supressão da prostituição.

Segundo dados do Commissariado do Povo para a Agricultura, os kolcos da Ucrânia registaram 68.000 novas adesões durante o terceiro trimestre do corrente ano. Na região do Donipropetvsk estão colectivizadas 97% das granjas e 95% nas regiões do Donetz e Oessa.

Os jornais soviéticos dão detalhes interessantes sobre a fabricação de automóveis na URSS. Já se pode afirmar que as fábricas de automóveis ultrapassaram o seu plano de 1935. Avalia-se a produção em 95.000 automóveis, ou seja, mais 3.000 do que os fixados no plano. Para o ano de 1936, prevê-se uma produção de 110.000 automóveis.

As novas oficinas da fábrica «Staline», de Moscovo, estarão terminadas dentro em breve.

A fábrica «Motoz», em Gorki, trabalha já a um ritmo nunca alcançado. Nesta fábrica, donde saíam habitualmente 148 automóveis por dia, produzem-se, actualmente, 180, 185 e mesmo 190.

Além destas continua a construção de novas fábricas gigantes em Yaroslav, Knibychyev, Siniegrado, etc.

Tod s as quintas feiras, às 10 horas da noite, a estação «Radio Central do M. scovo», radiodifunde em emissões de português na onda longa de 4721 metros e na onda curta de 50 metros.

No "Paraíso" nazista

Há muito, que em todo o mundo se conhecia a bestialidade dos fascistas que dirigem e mantêm a ditadura fascista na Alemanha. Nunca, todavia, até hoje se tinha apresentado um documento oficial que viesse confirmar o horror inaudível da vida que se passa na Alemanha. Foi mos hoje apresentar algumas das aliças da regulamentação dum tipo de concentração hilleriano, lastimando não poderemos fazer a sua integral publicação. Os letores que o desejem conhecer totalmente devem procurar o «Arquivo Nacio al» n.º 201 de 27 de Novembro, do corrente ano.

Da autenticidade do documento não diremos senão que é publicado nessa revista cujo director, Rocha Martins, se tem distinguido em campanhas anticomunistas ressa mesma publicação.

Apontamos alguns parágrafos:

§§ 1 a 5
Será castigado com três a oito dias de prisão rigorosa: Os que se tornarem culpados de falsas, tais como não se terem levantado no primeiro sinal não se apresentarem com os cabelos e tidas regulamentares, etc.

§ 6
Será castigado com oito dias de prisão rigorosa, com várias semanas de trabalhos forçados e com vinte e cinco chibatadas, o princípio e no fim do castigo:

Aquêle que se permitir reflexões irónicas ou de jenhosas a despeito de um S.S. (membro das secções de protecção); aquêle que voluntariamente se dispensar dos cumprimentos prescritos, etc.

§ 8
Será castigado com catorze dias de prisão rigorosa e com vinte e cinco chibatadas se no princípio e no fim do castigo:

Aquêle que nas suas cartas, se entregar a reflexões para Hitler, o Estado, o Governo; quem, em qualquer das suas cartas, afirmar de novo que está inocente.

§ 9
Será castigado com vinte e cinco dias de prisão rigorosa:

Aquêle que receber dinheiro proveniente da subscrições proibidas ou do Socorro Vermelho, ou qualquer outra organização ou que distribua esse dinheiro aos outros presos; aquêle que incitar outros presos a fazer a greve da fome.

§§ 10 e 11
Será p o DIREITO REVOLUCIONÁRIO enforcado: Aquêle que, no interior do campo ou nos lugares de trabalho para fins de revolta proferir frases ofensivas e agressivas; q tiver encontros com outros para esses fins; o que tentar pôr-se em relação com o exterior.

§ 16
Será fustigado por um S.S. ou pelo posto de S.S. mais próximo: O que, depois do apagar das luzes, se encontrar noutro lugar diverso daquele que lhe foi destinado.

Como esclarecimento, diremos que em todos os campos de concentração alemães apenas se encontram inimigos políticos do nazismo.

E num país que tem um regime prisional destes que vai ser julgado Thaelman no Tribunal de Nuremberg e um tribunal do povo (1) vai realizar o julgamento do chefe do antifascismo alemão!

Solidariedade anti-fascista INTERNACIONAL

O semanário português de New-Bedford, «O Colonial», — o jornal português de maior circulação nos Estados Unidos — publicou, com data de 18 de Outubro, na 1.ª página, um apêlo aos prisioneiros de Angra, dirigido a todos os trabalhadores portugueses residentes na América do Norte.

Sob o título de «Vozes do cárcere», o «Colonial» faz preceito o referido apêlo de sentidas palavras de revolta. Nêsse preâmbulo se diz:

«Vibrantes como lâminas incandescentes de espadas de Justiça, chegam até nós as dores dos infelizes inocentes encarcerados nas masmorras dos camalhões ditadores portugueses».

«Não é já o eco longínquo e confuso que nos passa; quasi indistinto pelos ouvidos dum clamor que se extingue pela distância, mas os gritos directos e potentes dos sofrimentos e torturas que uma casta de janizares sem alma nem consciência, aplica aos desgraçados cujo crime é pensarem diferente do pensar deles; cujo crime é o amor da liberdade de pensamento e acção...»

Como se vê os trabalhadores portugueses dos Estados Unidos estão ao lado dos seus irmãos de Portugal e e-tigmatizam com violência a tropa-lançadora do «Estado-Novo», que tantos crimes tem cometido e co-tinua a cometer.

Um grupo de intelectuais anti-fascistas estrangeiros, entre os quais avulta o nome de Pierre Cot — antigo ministro do Ar, r. ncês —, Ortega y Gasset, e J. Longuet, enviaram ao Presidente da República, e ao Presidente da Assembleia Nacional, o seguinte telegrama:

«Permitimo-nos solicitar-vos a libertação do escritor António Sérgio, e para assegurar a protecção da vida dos anti-fascistas». (Seguem-se as assinaturas)

Aqui está um telegrama que o Ferro e o seu «Secretariado de Propaganda» não divulgará a população portuguesa:

Os anti-fascistas de todos os países estendem fraternalmente as suas mãos aos anti-fascistas portugueses e revelam o seu alto espírito de dignidade humana. Que o «Estado-Novo» fique sabendo que o grito contra as suas atrocidades contra os seus crimes e as arbitrariedades encontra eco no coração e na inteligência dos que, além fronteiras, representam aquilo que há de mais nobre, mais culto e mais elevado do pensamento humano.

Sómente através da luta constante contra os atropellos, os crimes e as brutalidades do «Estado-Novo» conseguiremos alcançar vitórias decisivas.

Cuidado com elei

JOÃO DE OLIVEIRA, marceiro, actualmente ao serviço da Polícia de Informações.

Tem officina, em Lisboa, na Rua de S. Marçal N.º 25 e 27, deixando a sua gerência entregue ao socio.

Diz-se, em tempos, «revolucionário».

É de «statura baixa e pára muito pelo «Café Nicola».

LIERTAI BENTO, SOUSA e Julio Fogaça!

Já há mais dum mês que foram presos estes nossos camaradas e, ainda hoje, nada sabemos do seu destino. Calculamos as torturas a que os terão submetido! Muito embora torturados até à morte, sabemos-lo bem, partir-se-ão perante a miserável polícia assassina de Salazar, como heróicos soldados da Internacional Comunista, como verdadeiros bolcheviques, dignos discípulos de Lênine e Staline! A polícia sabe-o perfeitamente. E não são já informações que ela procura, mas a vingança sádica, torturadora, de cêes de fila que não conseguem derrubar o Partido do proletariado.

Não sabemos onde param os nossos camaradas. Vivos? Mortos? Tudo ignoramos. Sabemos, apenas, que há mais dum mês perdemos todas as notícias a seu respeito, que há mais dum mês os têm submetido ao mais cruel tratamento.

A Polícia de Informações não descega. Impotente para vencer o Comunismo que avança, o Partido Comunista que cada vez se prende mais às massas exploradas — vencerá cobardemente, pelas torturas, a saúde e a vida dos mais dedicados militantes do Partido. Vencerá...

e não lhes acudir os com os nossos protestos. Se não acionarmos em favor dos nossos presos toda a actividade dos nossos camaradas, simplesmente anti-fascistas.

Com o nosso contra a prisão e incomunicabilidade de José de Sousa, Bento Gonçalves e Fogaça já começaram a sua defesa.

Assim, no Liceu da Guarda, os estudantes abandonaram as aulas, durante o meio dia, em sinal de pro-

O Ferro desmascarado

Todos os trabalhadores portugueses sabem que a desvergonhada campanha a favor do Estado-Novo, que todos os dias enche colunas de vários jornais estrangeiros, é paga com o dinheiro roubado ao povo português. Serve de intermediário o Secretariado de Propaganda.

Os documentos falam quasi sempre para compor as afirmações que se deduzem dos factos.

Agora, um jornal brasileiro, «A Manhã» de 27 de Outubro deste ano, publicou a fotografia de uma carta dum tal senhor Alberto Brannão para o dirigente de um outro jornal brasileiro, «O Diário Português». Diz-se nela:

«Confirmedi ontem com o Ferro sobre a sua proposta para uma verba em compensação de serviços de propaganda do país... estabeleceu-se já, em principio, a garantia de transacção, concordando com a verba de um conto até ao próximo ano económico... A minha opinião é que a verba, realmente, é excessivamente resumida... por enquanto fica dispensada a página semanal de propaganda turística, obrigando-se o jornal a publicar as locais que o Secretariado lhe enviar, de intenção e finalidade política, e, claro, dentro das CONVENIÊNCIAS JORNALISTICAS, de forma a NÃO PARECER QUE O JORNAL É ORGÃO de qualquer parcialidade, porque isso lhe tiraria uma boa parte do prestigio que a SUA INDEPENDENCIA lhe dá».

E' neste miserável sistema de corrupção que assenta a demagogia salazarista tão bem paga pelo interesse do povo português.

testo; os presos do Aljube editaram um número especial do seu jornal de frente-único, o «Esfôrço», em que mostravam o proceder criminoso da Ditadura e seus referos policiaes, e terminava com as palavras de ordem: — «Basta de vítimas! José de Sousa e Bento Gonçalves têm de ser libertados!»

Em Lisboa foi imediatamente editado um apêlo do C.C. publicado no «Avante!», um manifesto do SV, dois da CIS e um outro do P. de que se fez ampla distribuição, inclusive no próprio Rio.

Simultaneamente, foram enviados protestos ao Governo.

O CC do P., o CR de Lisboa, várias localidades dos CR do Oeste e da Guarda, as Juventudes Comunistas, o SVI, todos protestaram junto do Governo.

No estrangeiro, poucos dias depois da prisão dos nossos camaradas, «L'Humanité», órgão central do PC Francês, noticiava o facto e juntava-lhe um protesto contra essa brutal violência.

Entretanto o que se fez (e de que já temos conhecimento) é pouco, e pouquissimo ainda. E' urgente que todas as organizações se ponham em actividade, mobilizem e impulsionem os protestos, despertem em todos os anti-fascistas a repulsa pelas violências que estão torturando os nossos queridos camaradas.

Só assim, correndo em seu auxilio, conseguiremos arrancá-los às torturas inflames que os atormentam. Só assim conseguiremos fazer recuar a violência criminosa da Polícia de Informações!

Os simpatizantes E O PARTIDO

(Continuado da 2ª página)

nosso trabalho.

Os simpatizantes que metódicamente fazem a difusão do «Avante!», outros que conhecedores das nossas palavras de ordem, fazem com elas a maior agitação, divulgando-as, inscrevendo-as nas paredes e muros.

As camaradas simpatizantes que adquirem livros e revistas e fazem com elles a maior propaganda até em agrupamentos de massas, como fábricas e associações desportivas.

Tudo isto, auxilia o nosso trabalho mas não tem sido sistematizado até aqui.

Impõe-se que todos que não estão no Partido por a sua vida não lhe permitir, ou por temerem as consequências da ilegalidade, não deixem de trabalhar revolucionariamente.

Em primeiro lugar, o simpatizante deve obedecer às regras do trabalho clandestino: não ser FALADOR nem CURIOSO ou IMPRUDENTE, deve procurar contacto permanente com pessoa em relações com o Partido. Depois disso, formado um grupo de simpatizantes, deve GAFA UM DELES procurar influenciar as pessoas com quem convive. Sobretudo, devem fazer penetrar a nossa agitação e propaganda, a nossa imprensa, auxiliar as nossas subscrições, o SVI, etc.

Um caso especial deste trabalho dá-se com os nossos simpatizantes intelectuais, estudantes, etc. Estes devem sobretudo vencer as tendên-

LIBERTEMOS

os deportados de Angra!

Continuam presos 18 anti-fascistas que já cumpriram as suas condenações!

Os grandes «moralistas» do E. t. d. - Novo continuam surdos. Os nossos camaradas da Angra que já cumpriram as suas condenações, continuam, em número de 18, a estar deportados e sujeitos a um regime prisional de deportação, miserável.

Os protestos dos anti-fascistas de Portugal e do estrangeiro têm «chovido» nos gabinetes ministeriaes. No entanto os carcereiros fascistas ainda não os ouviram.

Há que reforçar, portanto, a nossa acção anti-fascista, alargando-a, conquistando cada vez camadas mais vastas de toda a população. A população portuguesa, do Norte ao Sul do país, deve conhecer bem esse cognóbil da «justiça» salazarista.

A este caso de il-grante banditismo, do Estado-Novo — a conservação dos presos nas cadeias apesar de já terem cumprido as suas condenações — devemos juntar a narração dos sofrimentos de que são vítimas, nessa ilha distante, da Terceira — encarcerados! tumularmente na Fort. Leza de S. João Batista — cerca de 200 presos políticos.

A «equipa» de carcereiros, mercê da agitação que se tem levado a efeito, já foi modificada. No entanto o sinistro capitão Paz, lá continua no seu posto de cérebro, sempre odioso e provocador.

Os novos carcereiros que para ali foram PARECE — pelo menos até agora... — usarem de maneiras mais civilizadas do que os seus antecessores.

A situação dos presos, porém, mantém-se péssima. A antiga falta de higiene foi agora prejudicada com o facto de obrigarem os presos a cozinhar na suas refeições nas próprias casas onde habitam.

Outro aspecto, não menos revoltante, da «justiça» salazarista está no fac o de viverem deportados, em Angra, alguns anti-fascistas que o Tribunal condenou sem prisão no lugar de deportação. São eles: — Francisco Chapuz, Joaquim Rodrigues, Militário Ribeiro, João Siqueira, Adelino Teixeira Pires, Manoel de Oliveira e Armando Faust de Figueiredo.

A acção decidida de protestos e de agitação das grandes massas laboriosas do país, a realização da unidade de acção e o ardor combativo de todos os comunistas — como factor essencial — devem arrancar as rochas da Angra os 200 deportados, nossos irmãos da luta anti-fascista.

cas de desordenação de tantos dos nossos amigos nêsse meio, devem dedicar-se ao esclarecimento de tantos que, desconhecedores dos documentos da Internacional Comunista e do Partido, são levados a desvios cujas consequências ignoram. Também deverá preocupar-se a sua acção junto das pessoas em que a sua cultura tem a influência necessária para as convencer da justiça e valor real da politica comunista.

TODOS OS SIMPATIZANTES AGRUPADOS NUM TRABALHO METÓDICO!

POR UMA ACTIVIDADE BOLCHEVIQUE!

